**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**PIBID- SUBPROJETO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – 0**

**Relatório de observação no Colégio Estadual Teobaldo L. Kletemberg (02/03/2017)**

**Bolsista: Andressa J. Schmidt**

Na manhã de quinta feira (02/03) nos reunimos no Colégio Teobaldo Kletemberg para a apresentação dos bolsistas as turmas em que iremos trabalhar durante o ano letivo. Houve a apresentação dos bolsistas com uma breve fala de cada, contando sua trajetória no projeto. A professora supervisora também falou sobre a sua licença maternidade e o porquê de estarem sem professor substituto durante o recomeço de ano.

 No ano anterior já vínhamos fazendo um trabalho ao longo do ano (com os terceiros anos hoje) e foi possível perceber que com essas turmas a percepção do que é a Educação Física é bem diferente das outras turmas, pois já havia sendo feito esse trabalho até as férias de inverno. A estrutura do colégio continua boa, mas com falta de alguns materiais como bolas de futsal assim como há vários materiais diferentes para serem usados.

 Comparando o Colégio Teobaldo Kletemberg com o Colégio São Paulo Apóstolo, uma das diferenças são os próprios alunos, a maneira como eles reagem à apresentação das propostas e como os alunos se relacionam com os bolsistas do PIBID, além da maneira de avaliação do conteúdo das professoras serem diferenciadas.

**Relatório de observação no Colégio Estadual Teobaldo L. Kletemberg (06/03/2017 e 07/03/2017)**

**Bolsistas: Maristela Doronka e Andressa Schmidt**

Na segunda – feira ocorreu o encontro dos bolsistas para os encaminhamentos do planejamento, na qual a professora Vanessa explicou de que forma o mesmo seria realizado. O planejamento aconteceria da seguinte maneira:

* **Turmas do 1º e 2º anos**: seria executado o bingo, onde cada aluno receberia uma cartela com um número X e colocaria o conteúdo que gostaria de aprender/vivenciar. Em seguida, cada aluno com a sua ideia de conteúdo, deveria preencher a cartela do colega e assim sucessivamente até a cartela estar completa.
* **Turmas do 3º anos**: pelo fato de já conhecerem o trabalho da professora, a proposta seria um pouco diferente. A turma se dividiria em 5 grupos e cada grupo receberia um folha. A folha estaria dividida em: 1º trimestre, 2º trimestre e 3º trimestre e ao lado acompanhadas de um quadro de justificativas. Os alunos então iriam se dispor em elencar um conteúdo por trimestre e justificar o porquê de estarem escolhendo aquele conteúdo. A partir disso seriam verificados os conteúdos mais selecionados pelos alunos e se estes também seriam aplicáveis na prática.

 Logo, nessa manhã de terça – feira iniciou-se as aulas com a turma do 3ºB, onde houve primeiramente uma conversa com a turma (resgate dos conteúdos do ano passado) e em seguida colocou – se em prática o que havia programado. A sequência das aulas se deu com as turmas do 1ºE, 3ºC, 2ºB e 2º D. De modo geral, o dia foi destinado à essa organização, e algumas turmas ainda tiveram o restante da aula para saírem as quadras.

 No decorrer dessas atividades, foi observado que a maioria dos alunos cogitaram em apenas escolher os esportes, porém precisariam apresentar uma justificativa plausível para a escolha dos mesmos, o que pareceu como uma dificuldade para eles. No entanto, a realização dessas propostas surge como um ponto positivo, tanto para os alunos, uma vez que possuem essa oportunidade de estar vivenciando conteúdos “diferenciados” da Educação Física, como para nós professores em formação, de estar encarando junto com os alunos esses desafios.

**Relatório de observação no Colégio Estadual Teobaldo L. Kletemberg (14/03/2017)**

**Bolsistas: Maristela Doronka e Andressa Schmidt**

Nesta quinta – feira as aulas começaram com a turma do 3ºB, na qual essa semana os alunos poderiam escolher o que desejariam praticar, porém a professora Vanessa explicou que na aula seguinte eles já iriam dar início ao planejamento proposto. A segunda aula foi com a turma do 1ºE, e seguiu- se o mesmo procedimento que a aula anterior, entretanto os alunos demoraram um pouco para descer à quadra em razão da turma ser bem agitada. Contudo, depois do silêncio e explicação da professora, os alunos puderam se dirigir a quadra. Já na terceira aula com a turma do 3ºC, houve a exposição no quadro dos conteúdos escolhidos pela turma, dentre eles os esportes como vôlei e futebol foram os que mais apareceram. Novamente a professora explicou que os conteúdos que foram elencados pela turma, não significava que seriam todos trabalhos (em especial os esportes), pois seria necessário verificar também as outras propostas dos terceiros anos e analisar as justificativas.

 No intervalo, na sala dos professores, ocorreu uma reunião para a decisão do colégio frente á greve, e o que seria decidido nos próximos dias (quinta e sexta), visto que alguns professores divergiam da posição da maioria dos professores ali reunidos.

 Na quarta aula houve uma conversa com os alunos sobre o que havia sido decidido a respeito do movimento de greve para que ficassem informados e esclarecessem as duvidas. Os alunos não desceram pelo fato da reunião ter se entendido, apenas receberam os informes.

 No mais, Nós bolsistas e a professora resolvemos jogar Four Squade, e isso chamou a atenção de alguns alunos que estavam sentados, despertando dessa maneira o interesse dos mesmos e propiciando a interação.

**Relatório de observação no Colégio Estadual Teobaldo L. Kletemberg (21/03/2017).**

**Bolsistas: Andressa Schmidt e Maristela Doronka.**

 No dia 21 de março, no Colégio Teobaldo L. Kletemberg o dia amanheceu chovendo, instável.  Logo na primeira aula (3°B) foi necessário que fosse seguido o plano b por motivos do tempo e de que no rodízio de quadra estávamos com a quadra de voleibol e a quadra de sintético; O terceiro ano jogou uma brincadeira muito praticada na infância chamada "stop", em sala de aula.
 No 1° ano optaram por jogos de tabuleiro e assim seguiram jogando no saguão mesmo da escola e foi bem divertido, tinha jogo das varetas, xadrez, pebolim entre outros. Na turma do 2° ano B foi finalizada a atividade do bingo, de maneira um pouco agitada, pois é uma turma com um pouco de tumulto.

**Relatório de observação no Colégio Estadual Teobaldo L. Kletemberg (04/04/2017).**

**Bolsistas: Andressa Schmidt e Maristela Doronka.**

 Nesta terça–feira, dando continuidade com o conteúdo dos jogos, dois pontos importantes em relação às atividades e através das observações podem ser destacados.

 O primeiro deles na segunda aula com a turma do 1ºE, onde incluíram ao jogo caçador uma regra que acabou excluindo a maioria. A regra era a seguinte: era jogado o caçador (tradicionalmente conhecido), quando um jogador era queimado, esse se dirigia a base, e quando um jogador do seu mesmo time também fosse queimado, esse ocuparia o seu lugar, restando sempre uma pessoa na base, e a pessoa que antes ocupava a base, saía do jogo. Ao final da atividade a professora reuniu os alunos e realizou um feedback, questionando-os sobre o que resultou com a regra que propuseram.

 Já na quarta aula com a turma do 3ºC, a dinâmica da atividade foi bem diferente. Os alunos jogaram o “queima-senta”, inicialmente com uma bola, e no decorrer foi acrescentado mais uma. Observou-se que os mesmos se envolveram na atividade, tornando – a muito divertida, e a turma apresentou muito mais cooperatividade do que competitividade, características apontadas pela professora no feedback ao final da atividade.

 Visto que de um lado a atividade acabou se tornando exclusiva, enquanto a outra inclusiva e participativa. No entanto, é fundamental o uso do feedback com os alunos, durante ou na final das atividades, para que percebam as diferenças de competir x cooperar, para que criem métodos para atividades futuras.

**Relatório de observação no Colégio Estadual Teobaldo L. Kletemberg (11/04/2017).**

**Bolsistas: Andressa Schmidt e Maristela Doronka.**

**Relatório de observação no Colégio Estadual Teobaldo L. Kletemberg (18/04/2017).**

**Bolsistas: Andressa Schmidt e Maristela Doronka.**

 Nesta terça–feira, ainda em continuidade com o conteúdo do Futebol Americano, duas turmas participaram das atividades “rei da roda” e o “sete passes” e as outras duas ingressaram na vivência do jogo propriamente dito, levando em consideração algumas formas de pontuação e o uso de certas posições referentes ao mesmo.

 Uma das principais observações esta relacionada à segunda aula, com a turma do 2ºB, uma turma bem participativa, na qual a questão do clima (garoa que se intensificou no decorrer da aula) não interferiu na presença dos alunos na atividade proposta. No entanto, esse fator incomodou alguns alunos, que ficaram apenas observando a atividade.

 Na terceira aula ocorreu quase a mesma situação, a sala já contava com a frequência de poucos alunos (pois a maioria faltou no dia) e a presença de garoa fez com que alguns alunos não participassem. Porém, com a inclusão dos bolsistas, completou-se os dois times e o jogo foi realizado, e foi uma experiência muito boa e divertida, pois por mais que fosse a minoria, estes estavam interessados e motivados à participar.

 Outro fato foi referente à quarta aula, onde os alunos também são bem participativos. Com a abertura do tempo, a turma executou as atividades de uma maneira empolgada, principalmente no jogo dos “sete passes”, na qual precisou ser feita intervenções para que danos fossem evitados.

 De um modo geral, foi muito válida a presença de todos os alunos nas atividades propostas, estes realmente estavam atenciosos à aula, tanto que na quarta aula, na atividade anterior do pique bandeira, a atividade terminou empatada, e nessa dos “sete passes” também, e os alunos estavam ansiosos para o desempate, que não ocorreu pela falta de tempo.

**Relatório de observação no Colégio Estadual Teobaldo L. Kletemberg (25/04/2017).**

**Bolsistas: Andressa Schmidt e Maristela Doronka.**

**Relatório de observação no Colégio Estadual Teobaldo L. Kletemberg (02/05/2017).**

**Bolsistas: Andressa Schmidt e Maristela Doronka.**

Na manhã desta terça-feira ocorreu a segunda aula da proposta do conteúdo de atividades rítmicas. Dois itens podem ser destacados nesse dia, o primeiro com relação à participação dos alunos na atividade, e o outro relacionado diretamente com o primeiro item.

 Com relação ao primeiro item, considerando a aula anterior na terça - feira (25/04) houve maior participação dos alunos na realização da atividade, poucos alunos ficaram em sala com a Professora Vanessa apresentando a justificativa de não querer realizar a aula, como acontecido também na primeira aula. Nas atividades, inicialmente os alunos estavam bem tímidos, porém no decorrer da aula foram se desinibindo. No final da aula, com um breve feedback, identificou-se com os alunos que os mesmos apresentavam dificuldades em criar um movimento, e também explicamos que cada um tem a sua própria maneira de se expressar corporalmente.

 O segundo item se refere ao que ocorreu com a prática das atividades de rítmicas expressivas. Nessa semana as aulas de Educação Física estavam sendo executadas na sala de vídeo, na qual já tinha sido feita a primeira aula. Nesse dia, dando continuidade com o conteúdo, a Professora Vanessa foi chamada à direção (situada em frente à sala de vídeo), recebendo questionamentos da pedagoga, alegando que suas aulas estavam incomodando os alunos do reforço que ficavam ao lado da sala. A professora pensou em uma possível solução, que seria dirigir os alunos do reforço (6 alunos) para o espaço da biblioteca, ou o saguão, entretanto a pedagoga não aceitou, nem sequer analisou a situação.

 Com o relato acima, chama a atenção de, o que é Educação Física para eles? Qual a importância da Educação Física na escola? Qual a o pensamento em que profissionais da gestão escolar possuem desse componente curricular? São algumas questões que, se realmente soubessem e compreendessem, não conduziriam essas atitudes.

**Relatório de observação no Colégio Estadual Teobaldo L. Kletemberg (09/05/2017).**

**Bolsistas: Andressa Schmidt e Maristela Doronka.**

 Nessa manhã de terça – feira foi realizada com as turmas do ensino médio a primeira aula do conteúdo de Yoga.

 Na primeira aula a maioria dos alunos apresentaram-se tímidos, preocupados em executar alguns movimentos que levariam os seus colegas a rirem, no entanto isso não impediu que poucos realizassem e vivenciassem o conteúdo proposto.

 Considerando que a primeira aula foi um pouco dispersa pelo comportamento dos alunos, as últimas quatro aulas foram ao contrário. As turmas se apropriaram dos movimentos do Yoga de modo que fizesse reconhecer os seus próprios limites corporais, procuraram também exercer a prática de forma tranquila, mantendo sempre o equilíbrio entre o movimento e a respiração.

 Alguns fatores que dificultaram a aula foram a vergonha dos alunos em se “expor” na prática dos movimentos e também o barulho externo, que dispersava alguns alunos. Porém, essa primeira aula de Yoga, de um modo geral, foi positiva e significativa pois a maioria dos alunos participaram e procuraram transferir para si uma paz interior.

**Relatório de observação no Colégio Estadual Teobaldo L. Kletemberg (16/05/2017).**

**Bolsista: Maristela Doronka.**

Dirigindo-se para o final do trimestre no colégio, as aulas dessa terça-feira foram destinadas à recuperação. Na metade do trimestre a Professora Vanessa havia orientado os alunos de como seria feito a avaliação da disciplina, na qual seriam postadas atividades na página do facebook, e cada um deveria procurar a sua turma e a atividade proposta, e abaixo da postagem deixar a sua resposta. Os alunos que realizaram as atividades no determinado prazo, estavam liberados para jogarem, o restante ficaria em sala, optando ou não pela recuperação. De um modo geral, foram poucos os alunos que fizeram as atividades, e quem ia finalizando, estaria liberado.

 Relembrando que as atividades que as turmas teriam que realizar estão diretamente relacionadas aos temas trabalhados nas aulas, tais como a violência, o papel da mulher no esporte, questões de gênero e do corpo.

**Relatório referente à intervenção no Colégio Estadual Teobaldo L. Kletemberg (08/03/2017).**

**Bolsistas: Bruna Helouise e Weslei Mota**

No primeiro momento da aula diagnóstica, na sala de aula, foi realizada uma discussão à cerca do que seria a Educação Física, onde se observou uma hegemonia nas respostas de que essa área de intervenção teria relação com o corpo e com o movimento muscular e das articulações, reduzindo as aulas a um aspecto biológico, não sendo observadas respostas que levassem em consideração o contexto histórico da constituição dos movimentos que dão legitimidade para serem trabalhados no interior da escola, além de não visualizar as aulas de Educação Física com conhecimentos que visam à totalidade do ser, que apesar de agir, sente e pensa a prática (GONÇALVES, 1994). Assim, foi possível perceber o esquecimento dos aspectos emocionais e cognitivos que a aula de Educação Física traz consigo, bem como sua relevância dentro do modo de interação com que o aluno terá com a sociedade da qual faz parte, se relacionando com atividades historicamente construídas.

Com a atividade do bingo, no 2º ano, em que o objetivo era, além de elencar conteúdos a serem trabalhados ao longo do ano, interagir os alunos, observamos uma dificuldade inicial em se relacionarem com grupos de colegas distantes, mas com o desenrolar da atividade acabaram conseguindo perder a timidez e completar a cartela com os nomes de atividades que os colegas escolheram.

A primeira atividade avaliativa para o 3º ano foi interessante para percebermos a dificuldade dos alunos em pensarem em atividades não tradicionais e que poderiam ser interessantes de serem trabalhadas, não havendo um consenso quanto à importância do conteúdo na escola das propostas, permanecendo a maioria das propostas em conteúdos básicos do Esporte e do Jogo. Ajudando os grupos foi possível constatar comentários sobre o distanciamento e a falta de participação nas aulas de Educação Física por conta da exigência física que se continha nelas, e que esportes como o voleibol não eram adequados a eles por conta do biótipo corporal, ou seja, por possuírem estatura baixa, não fazendo distinção entre o conteúdo trabalhado na escola daquele massificado e midiático do alto rendimento. Nesse sentido, afirmam o Coletivo de Autores (1991, p.70) que o esporte “deve ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a forma com que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte ‘da’ escola e não como o esporte ‘na’ escola”.

Nas aulas livres que ocorreram nas quadras, foi possível identificar a auto-organização com a qual os alunos tiveram para algumas atividades, não se limitando às regras oficiais, colocando mais participantes no futsal que o tradicional, com 12 participantes, das quais 5 eram meninas, demonstrando também uma flexibilidade quanto ao que socialmente se convenciona tratar como esporte restritivamente masculino. O jogo e a brincadeira, nessa parte da aula, se fazia presente também em alguns espaços da escola, com alunos brincando de não deixar a bola de vôlei cair, uma vez que não havia integrantes suficientes para realizar uma partida de vôlei adequada, e outros alunos brincando no Pebolim, um jogo considerado tradicional.

**REFERÊNCIAS**

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir**: Corporeidade e educação. São Paulo: Papirus, 1994.

**Relatório referente à intervenção no Colégio Estadual Teobaldo L. Kletemberg (22/03/17).**

**Bolsistas: Bruna Helouise e Weslei Mota**

Na primeira parte da aula, com o 2ºA, foi retomado a atividade do bingo para a verificação das propostas, sendo discutidos os conteúdos estruturantes da Educação Física dentro daquilo que os alunos entendiam como matérias dessa área de atuação, e os introduzindo posteriormente ao conceito de Cultura Corporal. Percebemos que houve consenso quanto aos conteúdos elencados pela turma como pertencentes à área de Educação Física quando perguntado, além de uma abrangência quanto aos conteúdos, sendo selecionado ao menos um conteúdo específico dos conteúdos estruturantes.

Com outra turma foi introduzido o Caçador, dando início ao conteúdo de Jogos Tradicionais, na qual se fez um debate sobre as diferenças e especificidades do Jogo frente ao Esporte a nível conceitual. Na prática, foi possível notar uma grande participação e entusiasmo da turma como um todo, embora as questões de gênero se fizessem levemente presentes e travavam a participação igualitária, com as meninas demonstrando mais passividade se comparado aos meninos, que se mostravam mais dispostos a atacar e tentar defender a bola. Nesse sentido, Brito e Santos (2013) nos relata uma maior inclinação à atividades competitivas nos meninos, com gestos e atitudes típicas do comportamento masculino para afirmar suas identidades perante à sociedade que os pressionam a agir de tal maneira.

Em algumas turmas a introdução ao caçador já havia sido feita, dando-se sequência com uma atividade intitulada “Caçadrez”, onde a atividade no início se mostrou lenta, uma vez que os alunos ainda não tinham conseguido compreender maneiras estratégicas de dar dinâmica ao jogo, com nós do PIBID tentando aumentar a intensidade na qual ocorria o jogo. Nessa atividade os preconceitos de gênero se mostraram mais explícitos, pois havia funções diferentes entre os jogadores. Com isso, foi possível notar uma pró-atividade maior dos meninos em designarem os papéis dentro do jogo, que em sua grande maioria conferia aos meninos a função de ser a “torre”, protegendo a “rainha” - que poderia ser o rei, porém observou-se uma maior aderência de meninas nesse papel considerado mais frágil dentro do jogo. Não raro ouvia-se de meninos que as meninas deveriam ser as “rainhas” e o “bispos” por conta de suas capacidades e composições físicas serem consideradas menores, facilitando a sua proteção. Badinter (1993) nos assinala que os esportes que envolvem competição, força física e agressão, são considerados atividades que introduzem-nos à virilidade, sendo nesse campo que o garoto ganha "status de macho", explicitando seu desprezo pela dor, o controle corporal, a força e a vontade de ganhar e vencer os outros. A mesma lógica aplica-se ao Caçador nesse contexto, pois a atitude dos meninos frente ao jogo exigia um desempenho digna de homem, em seu entendimento socialmente construído.

**REFERÊNCIAS**

Badinter, E. (1992). **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira

BRITO, L. T; SANTOS, M. P. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Rev. bras. educ. fís. esporte**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 235-246.

**Relatório referente à intervenção no Colégio Estadual Teobaldo L. Kletemberg (05/04/2017).**

**Bolsistas: Weslei Mota**

Ainda em sala, a aula iniciou-se com um clima de nostalgia por parte dos estudantes após a apresentação de materiais que são utilizados em jogos e brincadeiras de infância. Os alunos puderam perceber a variabilidade dos nomes que alguns materiais possuem, principalmente no momento da apresentação do estilingue, também conhecida como cetra, e que causou uma grande euforia e pedidos de utilização do objeto, embora o material em questão fosse apenas para exibição.

Na vivência prática dos materiais, foi interessante notar a autonomia com que os alunos tiveram no desenvolvimento dos jogos e brincadeiras. Muitos alunos inclusive, como no caso do bets, faziam parceria com colegas que não sabiam jogar, passando instruções o decorrer da partida. Leitão, Silvestre, Bezerra e Lacerda (2011) apontam que em ambientes educacionais as relações e formas de agir com os seus semelhantes melhoram quando os alunos constroem e reproduzem conhecimentos que são adquiridos nas interações sociais, isto é, nas experiências das diferentes formações que o indivíduo obteve ao longo de sua vida. No caso específico visto no colégio, os alunos já possuíam determinado conhecimento sobre a dinâmica do bets e usaram isso para melhorar a relação uns com os outros e construir conhecimento conjuntamente.

Apesar disso, em alguns momentos a competição se sobrepôs ao aspecto lúdico e ao desenvolvimento educacional consciente que o jogo deveria proporcionar, não dando a devida importância ao adversário como possibilitador daquela prática, o olhando como um inimigo a ser vencido, como nos diz Volpato (2002, p.104). Dessa forma, a nossa intervenção como mediadores se fazia necessário para acalmar os alunos que estavam participando, evitando constrangimentos e exclusões.

**REFERÊNCIAS**

LEITAO MC, SILVESTRE MR, BEZERRA MS, LACERDA Y. Implicações sociais e autonomia em educação física escolar: uma abordagem construtivista do movimento. **Revista brasileira Ciência e Movimento**, 2011; 19(3):76-85.

VOLPATO, G. **Jogo, brincadeira e brinquedo**: usos e significados no contexto escolar e familiar. Florianópolis: Cidade Futura,2002

**Relatório referente à intervenção no Colégio Estadual Teobaldo L. Kletemberg (12/04/2017).**

**Bolsistas: Bruna Helouise e Weslei Mota**

Os alunos mostraram-se predispostos a participar das aulas quando apresentado o conteúdo do dia. Em geral, os alunos gostaram dos jogos pré-desportivos escolhidos para introduzir o Futebol Americano, com um parte das turmas já os tendo vivenciados e gostado. Sendo um esporte em ascensão no Brasil, é importante tornar os alunos autônomos frente a essa prática, tanto nas questões de vivência corporal se o aluno quiser dar sequência fora da escola no ato de jogar, quanto no entendimento do funcionamento das regras do jogo se o aluno quiser consumir. Darido (2004) nos aponta que esse é um dos objetivos da Educação Física, podendo ser facilitado quando os alunos estabelecem uma relação de prazer e de apreensão de um conhecimento durante a prática, além de uma experiência prévia boa, como foi o caso dessa atividade.

É importante destacar que esses jogos possuíam caráter competitivo, podendo causar exclusão da prática os alunos considerados menos habilidosos. Pensando nisso, e tendo em vista uma aluna com deficiência física em uma das turma, a atividade do “flag” sofreu uma adaptação, possibilitando assim que a aluna obtivesse uma participação especial e importante no jogo, oportunizando o conhecimento das suas possibilidades e vencendo seus limites, seguindo assim o que Marques, Silva e Silva (2008) assinalam ser o resgate da educação para todos através da Educação Física.

Além disso, no momento da contextualização do Futebol Americano foi possível estabelecer um diálogo com alguns alunos quanto aos temas transversais postos, fazendo com que eles olhassem para além do gesto motor que permeia a prática, levantando questões de gênero e violência no esporte.

**REFERÊNCIAS**

DARIDO, S. C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física.***Revista Brasileira de Educação Física e Esporte****,* São Paulo, v.18, n.1, p.61-80, jan./mar. 2004.

MARQUES, K. G.; SILVA, R. V.; SILVA, R. F. Atividades inclusivas na Educação Física Escolar. ***EFDeportes.com, Revista Digital,*Buenos Aires**, Nº 119, 2008. Disponível em: www.efdeportes.com/efd119/atividades-inclusivas-na-educacao-fisica-escolar.htm. Acesso em: 15 abril 2017.

**Relatório referente à intervenção no Colégio Estadual Teobaldo L. Kletemberg (26/04/2017).**

**Bolsistas: Bruna Helouise e Weslei Mota**

O início da aula foi marcado por uma reflexão à cerca do objetivo das atividades que estavam sendo desenvolvidas. Assim, quando questionado sobre os motivos pelo qual estavam realizando aquelas tarefas, as respostas se mostraram animadoras, sendo que “expressividade” foi a palavra mais usada para descrever o que a aula representava, ou seja, a compreensão da aula por parte de alguns alunos foi adquirida de maneira correta. A dinâmica da segunda aula de atividades rítmicas e expressivas se mostrou pouco dinâmica no seu início, com os alunos pouco ativos na construção do conhecimento. Dessa forma os professores tiveram que mediar a aula para que houvessem ideias.

Tendo em vista essa necessidade de construção de ideias coletivas, o ponto central da aula foi a criatividade dos alunos enquanto formas de expressar-se corporalmente, ou seja, fazer um resgate e um redescobrimento do corpo através da expressão. Brikman (1989) nos diz que o movimento corporal é propriamente a expressão da aptidão criadora, sendo assim, abrir caminhos para aquilo que está no campo do imaginário se mostrar na realidade através do corpo é fundamental na prática educativa, demonstrando como o movimento é mais que um deslocamento no espaço, constituindo uma linguagem. Sobre isso, encontramos inclusive respaldo nos Parâmetros Curriculares Nacionais, onde relata-se que a escola deve “trabalhar diferentes linguagens que ampliam as possibilidades de expressão para além da verbal [...]” (BRASIL, 1997b, p. 46).

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, Pluralidade Cultural, Orientação sexual. v. 10. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

BRIKMAN, L. A Expressão Corporal. In: \_\_\_\_\_\_. **A linguagem do movimento corporal**. Tradução Beatriz A. Cannabrava. São Paulo: Summus, 1989. cap. II, p. 21-25.

**Relatório referente à intervenção no Colégio Estadual Teobaldo L. Kletemberg (03/05/2017).**

**Bolsistas: Bruna Helouise e Weslei Mota**

As atividades propostas receberam grande aceitação por parte das alunas, que realizaram as atividades com vigor e alegria, interagindo e propondo movimentos para o restante da turma, ou seja, participaram ativamente da construção do conhecimento, indo portanto na linha do que Gonçalves (2006) nos diz, relatando que a expressividade e o ritmo nas aulas de Educação Física não são para formar bailarinos, mas sim para propiciar um momento de alegria com os movimentos espontâneos. No entanto, a relação dos alunos do gênero masculino não foi tão boa, com um grande número de desistências no decorrer da aula e até mesmo negação de participar para experimentar. Os meninos que participaram demonstraram certa limitação em se expressar, embora tenham se soltado mais no decorrer da atividade.

É interessante notar como os gestos produzidos estão inteiramente ligados à realidade daquelas pessoas, com a produção de movimentos tendo um significado particular, característico. Assim, muito fizeram movimentos esportivos, como o gesto de chutar uma bola, levantar a bola no vôlei, além de gestos religiosos, etc. Peixoto (2003) nesse sentido, quando discute o aspecto criativo, diz que o aluno ao se deparar com o novo amplia a consciência de si mesmo e do mundo que o cerca.

A música ao fundo acabou servindo de referência para a realização da sequência de movimentos, ou seja, a sincronização junto a música, formando elementos da dança, aconteceu sem que os alunos percebessem, ocorrendo naturalmente no decorrer da atividade, e ao final muitos relataram que o que acabaram de realizar era dança.

**REFERÊNCIAS**

GONÇALVES, N. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. Curitiba: Ibpex, 2006.

PEIXOTO, M. **Arte e grande público: a distância a ser extinta**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

**Relatório referente à intervenção no Colégio Estadual Teobaldo L. Kletemberg (10/05/2017).**

**Bolsistas: Bruna Helouise e Weslei Mota**

A prática do Yoga em algumas turmas foi tão entusiasmante que o desenvolvimento ocorreu sem a necessidade da mediação do professor para que os alunos fizessem as atividades. Assim, o novo não se tornou um empecilho, mas um fator que auxiliou o bom aproveitamento da aula.

Notou-se que grande parte dos alunos estavam desmotivados com a primeira parte da aula, pois não conseguiam realizar os gestos ou acreditavam serem movimentos embaraçosos, e sobre isso podemos afirmar que os alunos se sentiam envergonhados no meio social na qual se encontravam, sendo um “sentimento de insegurança provocado pelo medo do ridículo ou de uma situação embaraçosa, que compromete o relacionamento social do indivíduo” (LAVOURA e MACHADO, 2007, p. 65). Dessa forma, a maneira como encontraram para realizar as atividades sem sentirem que essa relação estivesse sendo manchada era desdenhando ou externalizando a impossibilidade de realizar os movimentos. Embora esses casos teham existido, muitos testaram seus limites e realizaram as atividades propostas.

Na segunda parte, sendo trabalhada a respiração, percebemos que os alunos estavam inteiramente concentrados na atividade, não sendo necessária a intervenção dos professores para que realizassem as atividades sem bagunça. Foi um momento em que os alunos tiveram entendimento da proposta de autoconhecimento, estando relaxados e realizando a atividade da maneira como esperado.

**REFERÊNCIAS**

LAVOURA, T. N.; MACHADO, A. A. A vergonha e sua relação com a prática esportiva: um estudo de caso. **Motriz**. vol. 13, n.1 (p.64-71), jan/mar. 2007.